



Mala Direta Postal
Básica
991231522/2012-DR/SP1
AgroBrasil
...CORREIOS...

Ribeirão Preto / SP • Setembro 2020 • Ano 21 • nº 259

TERRA&CIA

A VOZ DO AGRONEGÓCIO



Aposta na lavanda

Em meio a cafezais e canaviais, São Paulo e Minas Gerais ganham lavouras com tons de roxo: planta pode abrir negócios nos mercados de cosméticos, turismo e culinária

Pecuária

Embrapa avalia resultados da criação de ovinos

Tecnologia

84% dos agricultores brasileiros utilizam ferramentas digitais

Vinhos

Clima ajuda e Ituverava tem primeira bebida nobre de SP

CADERNO CanaMix

Pesquisa usa cinzas do bagaço para fazer concreto

• AO VIVO



VESTIBULAR 2021

FAFRAM | FAJOB | FFCL

agora é com você



prova

18/10

Q vestibularfe.com.br

(16) 3729-9000



BOLSAS
de até
100%* +
desconto de
50%* NA
MATRÍCULA

FFCL
ITUVERAVA - SP

FAJOB
FACULDADE SÃO JOAQUIM DA BARRA

FAFRAM
ITUVERAVA-SP

**TERRA&CIA**
A VOZ DO AGRONEGÓCIO**agrobrazil**
Parceria de Sucesso**CanaMix**
REVISTA DE ECONOMIA DA AGRICULTURA CANAVIEIRA**DIRETOR**Plínio César (16) 98242 1177
plinio@canamix.com.br**EDITOR CHEFE**Igor Savenhago MTB 40.618/SP
(16) 99177-1961
igor@canamix.com.br**REDAÇÃO**Marcela Falsarella MTB 71.067/SP
(16) 99454 5840
redacao@canamix.com.br

Capa: Divulgação/O Lavandário

CONTATO COMERCIAL E PUBLICIDADE

Plínio César / Nivaldo Santana

CIRCULAÇÃO E ASSINATURASplinio@canamix.com.br
redacao@canamix.com.br**EVENTOS**

redacao@canamix.com.br

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃOJonatas Pereira - Criativo SP - (16) 99458 5556
jonatas@canamix.com.br | creativopublicidade@email.com

OUTRAS PUBLICAÇÕES: Guia de Compras SA

AGÊNCIAS DE PUBLICIDADE

433 AG - larissa@433.ag (41) 3016 0433

ARTÉRIA - mídia@arteria.ag (11) 5185 4587

CALIA - bruna@calia.com.br (11) 2122 8600

DOMÍNIO - marcus.lula@dpbr.com.br (31) 3360 0000

E21 - taila.loureiro@e21.com.br (51) 3092 7400

FILADÉLFIA - pedro@filadelfiacom.com.br (31) 3516 0159

LABCOM - labcom.rp@labcomtotal.com.br (16) 3512 9735

MCGARRY BOWEN - juliana.berro@mcgarrybowen.com.br (11) 2173 0354

OXI - henrique.miura@oxicomunicacao.com.br (19) 3305 9040

PUBLICIS - cristina.maria@salleschemistri.com.br (11) 4560 9000

TALENT MARCEL - bruna.simoese@talentmarcel.com.br - (11) 2504 0448

TUGARE - simone.rosa@tugare.com.br (11) 3594 3124

PARCEIRA DE MÍDIA

glauucia@guerreiro.agr.br (44) 3026 4457



Envie seus comentários sobre esta edição para redacao@canamix.com.br.

Para assinar, esclarecer dúvidas sobre sua assinatura ou adquirir números atrasados (SAC 16 3620 0555 e 3234 6210)

2º a 6º feira, das 9h às 12h e das 13h30 às 18h.

Artigos assinados e mensagens publicitárias refletem ponto de vista dos autores e não expressam a opinião da revista. É permitida a reprodução total ou parcial dos textos, desde que citada a fonte.

Grupo AgroBrasil

R. Genoveva Onofre Barban, 495 - 14056-340

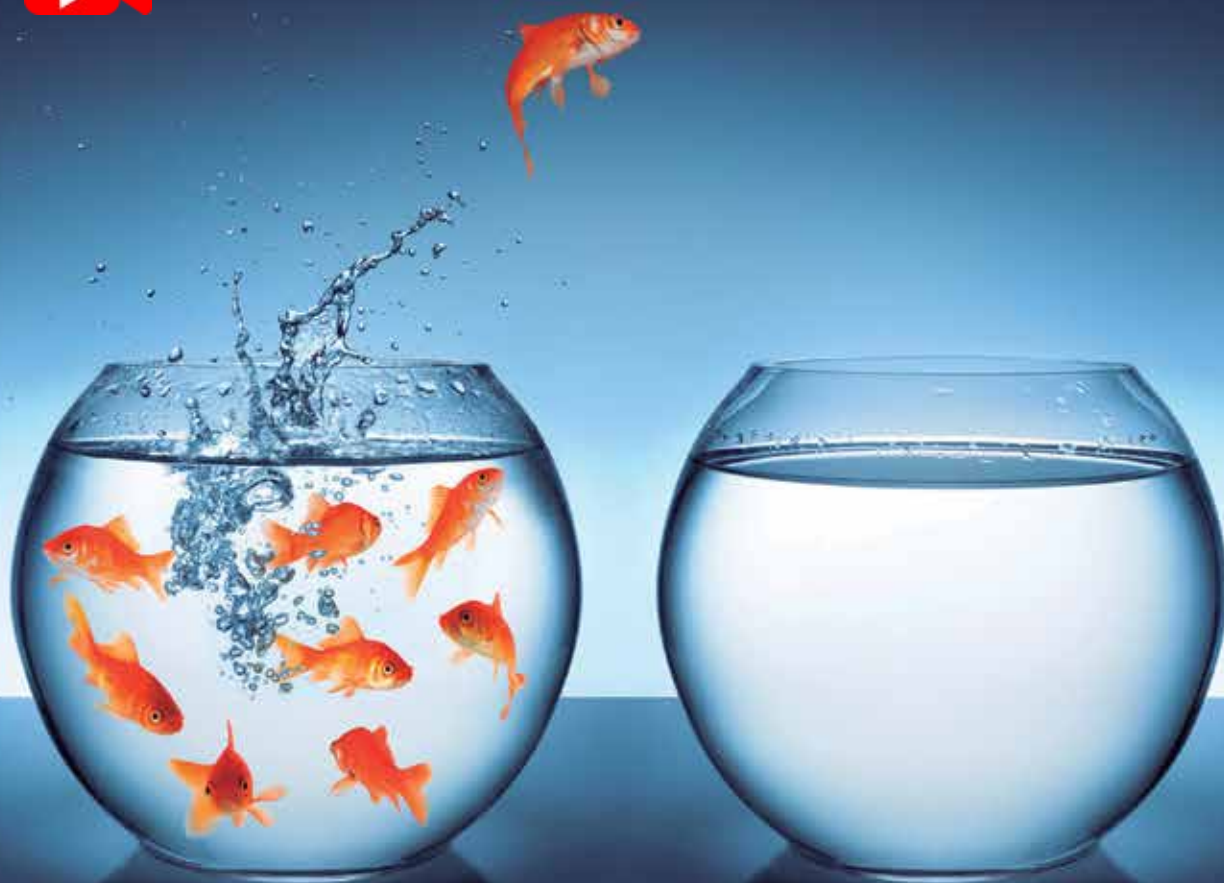
Planalto Verde - Ribeirão Preto - SP

16 3620 0555 / 3234 6210 - www.canamix.com.br

“Não continue fazendo aquilo que sua empresa sempre fez só porque é fácil de fazer.”



Agrobrasil Mkt



Anuncie Aqui!

PARA MAIS INFORMAÇÕES ENTRE EM CONTATO:
plinio@canamix.com.br | 16 98242-1177 | 16 3620.0555



PERFUME NO AR



Plínio César

Diretor do **Grupo Agrobrasil**

A palavra “sustentabilidade” nunca deve ter sido tão falada como agora. E por pessoas de vários segmentos, desde a engenharia de aviação até as atividades agrícolas. Está presente dentro das casas, principalmente nessa época de pandemia, em que é preciso encontrar maneiras sustentáveis de sobrevivência, diante do alto número de demissões ou de redução de carga horária nas famílias. Está presente na saúde, em que se busca conciliar o número de leitos necessários para atender aos doentes com um trabalho de conscientização para que os hospitais não fiquem cheios. Está presente no contexto educacional, ao colocar, numa mesma discussão, a necessidade de contatos físicos para um bom aprendizado e a de ficar afastado para garantir segurança.

Está presente nas questões ambientais. Entre os motivos, o grande número de incêndios nas nossas florestas, que tem provocado debates internacionais acirrados sobre a sustentabilidade dos nossos produtos exportados. E disso não haverá como escapar: ou produzimos com responsabilidade ou poderemos ter relações comerciais afetadas. É preciso encontrar caminhos de equilíbrio, no caso da agropecuária, entre alimentar o planeta e manter a sanidade ambiental. O Brasil sempre foi reconhecido como o país que mais preserva no mundo, mas o cheiro de fogo, das queimadas que atingem, sobretudo, o Pantanal e a Amazônia, nos acende um sinal de alerta.

Por outro lado, na contrapartida desse aroma nada agradável, o campo produz soluções que dão orgulho. E com cheiro de perfume. Agricultores de São Paulo e Minas Gerais estão aproveitando pequenos espaços de terra para apostar numa planta que pode ter aplicações não só no mercado de cosméticos, mas no turismo e na culinária: a lavanda. Sinônimo de sustentabilidade, pelo cultivo fácil e por permitir seu aproveitamento total, tem trazido boa rentabilidade e despertando a paixão, até mesmo, de casais que querem fazer fotos em meio à bela plantação. Por isso, entre os canaviais e cafezais típicos dessas regiões, já é possível avistar tons de roxo.

Nessa edição, você confere, ainda em tom de sustentabilidade, que pesquisas estão encontrando ferramentas para aproveitar as cinzas do bagaço da cana, antes visto como resíduo da indústria, para complementar a areia usada na fabricação do concreto. E que a Embrapa tem um trabalho para avaliar a sustentabilidade da criação de ovinos, por meio da observação das raças e dos cruzamentos que trazem melhores resultados.

Diante de um cenário de incertezas, a **Terra&Cia** entrega, sempre, boas notícias para aromatizar o ambiente.

Boa leitura!

8

CAPA

Novos perfumes



16

TECNOLOGIA

Irrigação de luz

20

PESQUISA

Da cana ao concreto

30

PECUÁRIA

Confinamento de ovinos

14. OPINIÃO

Maurício Antônio Lopes

32. OPINIÃO

Arnaldo Jardim

34. TECNOLOGIA

Campo digital

36. VITIVINICULTURA

Vinho nobre

38. GIRO PELO AGRO

Área de grãos na safra 2020/21
pode encostar em 701 milhões
de hectares

42. OPINIÃO

José Otávio Menten

CADERNO
CanaMix

26. OPINIÃO

Mário César Souza e Silva

28. OPINIÃO

Daniel Pedroso

TELOG
SOLUÇÕES INTEGRADAS

TransEspecialista

Logística Integrada



Novos perfumes

Fernanda Freire, proprietária de O Lavandário: busca de um cultivo que casasse com a paisagem

Lavandários despontam nos estados de Minas Gerais e São Paulo, são opção de cultura sustentável e estimulam o desenvolvimento de um novo mercado nessas regiões: o de cosméticos

Ana Laura Siqueira

Pouco a pouco, São Paulo e Minas vão ganhando tons de roxo. Há alguns anos, esses estados, nacionalmente conhecidos pela cafeicultura e pelos canaviais, começaram a destinar espaços para lavouras com campos de lavandas. Pequenos produtores locais investem no cultivo sustentável da alfazema. Afirmam que cada pé pode ser inteiramente aproveitado. Alguns deles acreditam que sua exploração comercial, voltada ao mercado de cosméticos, possa ser até mais lucrativa que a do café.

O interesse pelos lavandários de Provence, na França, não é a úni-

ca coincidência compartilhada entre alguns dos agricultores do Sudeste. As histórias que motivaram o cultivo dessa planta são igualmente cheias de boas memórias. Fernanda Freire é publicitária e proprietária do O Lavandário, criado em 2012 em Cunha-SP. Ela diz que plantar lavandas foi como uma extensão dos trabalhos artísticos que desenvolvia no sítio, quando ele não contava com nada além de uma casinha. “Eu acompanhava a paisagem daqui. Sempre foi um lugar muito bonito. Ficava pensando que, se mudasse de vida, o que é que eu poderia fazer ali.”

Foi uma lembrança da infância que motivou a empresária Ruth Cris-

tina Reis a plantar a alfazema e criar o sítio Lavandas da Serra, em São Bento Abade-MG. Rosângela Moraes, irmã de Ruth e consultora de marketing do empreendimento, explica que a vontade de iniciar o cultivo surgiu na irmã por causa das lembranças da perfumaria da mãe delas. “De vez em quando, ela guardava sabonetes de alfazema no guarda-roupa para perfumar as nossas roupas.”

Em 2016, a advogada Ana Paula Gentile herdou uma terra de seu avô, em Piumhi-MG. Por curiosidade, lá plantou três mudas de lavanda. Um tio pesquisador das propriedades medicinais das ervas

colheu um raminho, macerou com açúcar e fez um chá. “Tomei aquele chá e desmaiei. Foi um sonífero incrível! Eu achei muito intrigante e comecei a pesquisar sobre a lavanda.” Essa história levou à criação do Herbário Saint Lucca, em 2017.

As recordações relacionadas à lavanda incitaram os projetos das produtoras, mas foram as vantagens da cultura que fizeram que a alfazema criasse raízes na vida dessas mulheres. De acordo com elas, a lavanda é de baixo custo e exige poucos cuidados. É uma planta de clima seco e o solo não precisa de uma adubação rica. Também é resistente a doenças e pragas. “A gente percebeu que não é difícil lidar com a lavanda. Ela é parecida com a parreira de uva: gosta de sofrer”, brinca Ana Paula.

O trato e o acompanhamento fáceis contribuíram para que, de três mudas, o Herbário Saint Lucca atingisse 10 mil pés. Já o Lavandas da Serra, que era dominado pela cafeicultura, tem cerca de cinco hectares repletos de lavanda – cada hectare suporta até 20 mil pés. E O Lavandário, que começou com 100 mudas, atualmente

possui 45 mil pés.

Sustentabilidade e exploração econômica

Segundo a produtora Fernanda Freire, quando plantadas pela primeira vez, as mudas de lavanda levam aproximadamente um ano até que estejam prontas para a colheita. Os resultados da primeira poda são pouco expressivos, porque, no início, o volume de flores e dos próprios pés ainda é pequeno. A segunda colheita tende a atender as expectativas de quilos de alfazema e litros de óleo essencial. Fernanda diz, ainda, que, “aqui no Brasil, a gente consegue, com apenas seis meses de poda, que a planta volte à floração e possa ser podada de novo.”

Ela alerta que, para os produtores que desejam trabalhar somente com a extração do óleo essencial, o retorno pode ser mais singelo quando se fala em litros. Ainda segundo a produtora, para se obter meio litro de óleo, são necessários cerca de 365 pés de alfazema bem desenvolvidos, que correspondem a 80 quilos de

Divulgação/O Lavandário



Poda das lavandas em O Lavandário: propriedades de São Paulo e Minas ganhando tons de roxo em meio ao café e aos canaviais



Leandro de Barros Reis (agricultor e marido de Ruth), Ruth Cristina Silva Reis (empresária e dona do sítio Lavandas da Serra) e as filhas do casal, Mariana Morais Reis, Giovanna Reis e Carolinna Morais Reis

planta. Por outro lado, Ana Paula garante que todo o esforço é válido. “Um litro de óleo essencial custa R\$ 700, ou seja, o dobro de uma saca de café, e o custo de manutenção de um campo de lavanda é muito menor que de uma lavoura.”

Um aspecto da alfazema que é consenso entre elas é o de que cada pé pode ser completamente aproveitado. Quando a planta passa pelo processo de destilação, o resultado são dois líquidos: o óleo essen-

cial (usado como essência para cosméticos e aromaterapia) e o hidrolato (usado como aromatizador) – que é um tipo de água aromatizada que sobra com o processo. Os resíduos são devolvidos à terra para servirem de adubo.

A destilação costuma ser o fim mais comum para a alfazema, mas não é o único. Apesar de cada sítio de lavanda ter investido em meios próprios para extração do óleo essencial, a visitação é uma fonte de

renda para todos eles. Os campos costumam ser o destino dos que desejam relaxar na natureza, mas, por muitas vezes, são eternizados pelos que buscam fazer ensaios fotográficos. Em razão da pandemia, as propriedades estão fechadas para turistas, mas Ana Paula afirma que tem programação para pessoas que querem fazer fotos já em novembro.

Os lavandários também comercializam produtos de cuidados pessoais feitos com seus óleos es-



Giovanna Reis, chefe de cozinha e proprietária do bistrô Lavandas da Serra, montado no antigo spa



Herbário Saint Lucca, montado em 2017 em Piumhi-MG depois de um chá preparado com a planta

senciais, como condicionadores, hidratantes, máscaras de relaxamento, perfumes, sabonetes e xampus. Propósitos mais inusitados também são dados às plantas, como torná-las enchimento para travesseiros ou serem usadas em receitas culinárias.

Reinvenção e novos projetos

O sítio Lavandas da Serra estava comprometido em explorar todos os benefícios que as lavandas poderiam oferecer e isso era feito por meio de empreendimentos em áreas diferentes. Uma loja de produtos para lavabos foi inaugurada em São Tomé das Letras-MG, pouco tempo depois da criação do campo. Há três anos, Ruth Cristina criou um spa de cuidados pessoais com lavanda. Em dezembro do ano passado, a casa de chá Lavandas da Serra foi aberta em um anexo ao lado do spa.

Com a chegada da pandemia da Covid-19 no início deste ano, a administração do campo não teve alternativa senão a de fechar as portas de seus comércios ainda recentes. Rosângela explica que essas atividades ficaram insustentáveis, já que eram todas diretamente relacionadas ao público, e, como a cafeicultura é a principal atividade da fazenda, os gestores optaram por dar mais atenção a ela.

Contudo, depois de estudar as possibilidades, os administradores decidiram

ocupar o antigo spa com um bistrô de culinária afetiva com toques de lavanda. O empreendimento inaugurou na primeira semana de setembro. O local oferece bolos, bombons, sorvetes e drinks com lavanda. O café produzido na fazenda e que, até então, era somente para exportação, acabou se encontrando com a lavanda e virando mais uma opção no cardápio. “Tivemos que nos reinventar. Essa é até uma palavra que está na moda em razão do período. É uma palavra que agora precisa estar presente, que as pessoas vão precisar usar”, comenta Rosângela sobre a mudança.

Novos projetos também estão nascendo no Herbário Saint Lucca. Ana Paula informa que está trabalhando em um programa de geração de renda para mulheres da região de Piumhi-MG. “Pensei em contratá-las para trabalhar meio período na fazenda, porque a cultura da região é a do café, que exige jornadas longas e que só tem uma colheita por ano.”



Lavandários, como o Herbário Saint Lucca, investem em produção própria de cosméticos



AGRÍCOLA



INDÚSTRIA



TRANSPORTE
E LOGÍSTICA



ENERGIA



ENERGIA QUE MOVE O FUTURO!

**17 A 20 DE
AGOSTO 2021**

**SERTÃOZINHO
SP | BRASIL**

**Participar da Fenasucro
é garantir que a sua marca
está presente onde o setor
da **BIOENERGIA** se encontra**

PROSPECTAR

Encontre profissionais
que desejam fazer negócios
com novas empresas.

BRANDING

Sua marca reconhecida
pelos líderes do setor.

NETWORKING

Fortaleça seus contatos com
os mais qualificados visitantes.

MATCHMAKING

Seus produtos e serviços
recomendados para cerca
de 150 mil interessados.

Anualmente, reúne profissionais das
usinas e dos setores de bioenergia,
agrícola, papel e celulose e de alimentos
e bebidas para a realização de negócios,
networking e atualização tecnológica.
Em sua última edição recebeu 41 MIL
COMPRADORES e foram gerados
4,2 BILHÕES EM NEGÓCIOS.

**Garanta sua participação:
comercial@fenasucro.com.br
16 2132.8936**

 **FENASUCRO
& AGROCANA**

28ª FEIRA INTERNACIONAL DA BIOENERGIA

Realização:



Co-Realização:



Coord. Técnica Geral:



Organização e Promoção:



Utilização intensiva e sustentável da natureza

Maurício Antônio Lopes

A relação da sociedade com a natureza é, há muito, vítima de percepções extremas, quase sempre alimentadas pelo temor de esgotamento dos recursos finitos que sustentam a vida no planeta. No ano 200 d.C., quando viviam na terra cerca de 180 milhões de pessoas, o filósofo Tertuliano de Cartago concluiu que os humanos eram um fardo que a natureza já não conseguia suportar. O economista, matemático e filósofo inglês Thomas Malthus, que assistiu a população global atingir o seu primeiro bilhão (em 1804), especulou que as populações humanas cresciam exponencialmente, enquanto a produção de alimentos crescia a uma taxa aritmética, o que levaria ao colapso no abastecimento de alimentos, a conflitos por recursos, à fome e catástrofe.

Tertuliano e Malthus erraram porque ignoraram que a criatividade e o engenho humanos seguiriam produzindo conhecimentos e recursos novos e aprimorados que, substituindo os antigos, criariam oportunidades de progresso, de superação de perigos e mudanças de comportamento que invalidariam suas previsões catastróficas. É provável que fenômeno semelhante esteja ocorrendo agora, com a antecipação de catástrofes inevitáveis em função da emergência climática e do crescimento populacional, sem considerar

que a criatividade e o engenho humanos seguirão sendo forças capazes de ajustar a trajetória da sociedade em direção ao futuro.

Felizmente, são muitas as evidências de que a sociedade está atenta para a impossibilidade lógica de se manter o paradigma corrente de produção e consumo em um planeta de recursos finitos. Há, inclusive, um movimento em curso para mudar a linha do tempo geológico da Terra, de Holoceno, o período iniciado há cerca de 12.000 anos atrás, para Antropoceno, ou a "era recente do homem" – um prudente alerta sobre os perigos da ação humana sobre o sistema terrestre. O conceito tem forte simbolismo e renova a atenção aos ambientes naturais e aos seus significados para o funcionamento do planeta e para o bem-estar dos seres vivos – um estímulo para se conhecer, manejar e extrair progresso e riqueza do nosso patrimônio natural, de forma pragmática e sustentável.

O sistema alimentar global está no cerne deste desafio por ser um dos maiores usuários de recursos naturais – solo, água e biodiversidade – e um dos impulsionadores do processo de mudança climática. É por isso que, no Antropoceno, a humanidade será desafiada a transformar a agricultura e os sistemas alimentares de forma a atender às necessidades de uma população mais numerosa, urbanizada e exigente e,

ao mesmo tempo, fortalecer a estabilidade e a resiliência da natureza. É por isso que o termo "Intensificação sustentável" vem ganhando notoriedade. Fechar essa conta exigirá um grande esforço de geração e uso de tecnologias "poupa-recursos", de baixa emissão de carbono, capazes de promover a expansão da produção de alimentos sem avanços imprudentes sobre a base de recursos naturais, buscando harmonia com a natureza que nos sustenta.

Em função da sua riqueza natural – florestas, solo, água e abundante luz solar –, países do cinturão tropical do globo, como o Brasil, têm o potencial de liderar essa mudança, modulando o uso dos recursos naturais de forma a produzir, no mesmo espaço, grãos, proteína animal, frutas, fibras e biomassa, ao mesmo tempo aumentando as reservas de carbono no solo, protegendo a biodiversidade, os recursos hídricos e a qualidade do ar. Pode parecer contraditório para muitos que uma agricultura assim intensificada não seja desgastante ou nociva para a natureza. Mas a ciência já demonstra que sistemas produtivos que mimetizam sistemas naturais, integrando plantações, criações e florestas, em um mesmo espaço, podem se tornar capazes de utilizar insumos e serviços ambientais de forma mais segura e parcimoniosa.

Os que tentarem resistir a esta lógica, insistindo em consumir

sem limites recursos naturais finitos, acabarão sucumbindo, pela incapacidade de medir e comprovar a sustentabilidade dos seus processos. É que o conceito elusivo de sustentabilidade está gradualmente evoluindo, incorporando métricas e medidas concretas capazes de demonstrar, de maneira inequívoca, a extensão dos seus impactos. A Análise do Ciclo de Vida (ACV) é uma das metodologias mais consagradas para esse fim, tendo sido desenhada para medir impactos ambientais desde produção e uso de um bem até o descarte. Além de demonstrarem o benefício ambiental de um produto ou processo, tais mensurações permitem identificar e recompensar aqueles que protegem o patrimônio

natural e promovem o bem-estar da sociedade.

O Brasil já oferece um exemplo prático dessa nova realidade, com o RenovaBio, uma política pública destinada a fortalecer o uso dos biocombustíveis com base na demonstração concreta dos seus benefícios para a redução das emissões de gases de efeito estufa. Através da ACV, os impactos ambientais dos biocombustíveis serão avaliados durante todo o seu ciclo de vida, desde a sua geração até a disposição final, o que permitirá a realização da contabilidade das emissões de carbono e de outros impactos ambientais em comparação aos combustíveis fósseis. Consumidores e mercados pressionarão por práticas semelhan-

tes em outras cadeias produtivas, que precisarão demonstrar os impactos ambientais dos seus produtos e processos, destacando e valorizando esforços para a construção de uma relação mais harmoniosa da sociedade com a natureza.



Maurício Antônio Lopes é pesquisador da Embrapa

Conheça as Soluções da YEB que vão revolucionar a área de Compras da sua usina.



Cadastro, homologação e monitoramento

Gestão de compras especializada no agronegócio

Avaliação e gestão de fornecedores

Irrigação de

Em propriedades de Minas Gerais e São Paulo, a técnica de complementar a luz solar com iluminação artificial se mostra promissora para a produção agrícola

O mundo demanda que o Brasil aumente, nos próximos anos, sua produção de comida em cerca de 40% para que, assim, possa contribuir, significativamente, para ajudar a alimentar a crescente população dos continentes. E, com as tecnologias disponíveis, nosso país poderá fazer isso sem aumentar a ocupação de novas áreas. Isso porque, em comparação com décadas atrás,

já somos capazes de produtividades surpreendentes. Produzir mais numa mesma área será não só uma tendência como uma necessidade.

O Brasil pode, inclusive, contribuir com países que já esgotaram suas terras, ensinando, com base em experiências de sucesso, como tirar mais alimentos da terra. É isso que o Grupo Fienile vem testando, com ex-



celentes resultados em lavouras de São Paulo e Minas Gerais, com a Irriluce, que usa luzes artificiais, de LED, preparadas especialmente para o campo, como complemento da luz solar.

É na Fazenda São Matheus, em Monte Carmelo-MG, que as pesquisas são feitas há pouco mais de quatro anos. Lá, foi montado o primeiro pivô central com luz artificial do mundo. Os primeiros experimentos foram com 50 hectares de soja, que, por 40 dias, durante a florada e o enchimento dos grãos, tiveram a incidência de luz artificial sobre a lavoura, em diferentes doses e intensidades. A colheita foi 66% maior e houve menor infestação de percevejos e a aplicação de agrotóxicos caiu 35%.

Continuidade

No verão 2019/20 e no inverno que está terminando, os estudos ganharam continuidade, com extensão para o algodão, cana, trigo, milho, sorgo, feijão, girassol, tabaco, tomate, batata, alho, cebola e pimenta. Todas as observações são realizadas por meio de alto detalhamento técnico, em parceria com universidades e outras instituições de pesquisa, tanto públicas quanto privadas. Além de Minas Gerais, São Paulo já conta com estudos em campos experimentais de tomate em cultivo protegidos, que devem, em breve, ser ampliados para campo aberto, a exemplo da Fazenda São Matheus.

“As experimentações englobam todas as variáveis necessárias para compor os melhores resultados, em busca dos momentos ideais de suplementação luminosa e melhores práticas no manejo da adubação. Compreender os períodos e as intensidades luminosas é de extrema importância para validarmos com precisão os fatores de sucesso dessa nova tecnologia”, informa o Grupo Fienile.

A aplicação da tecnologia Irriluce não tem contraindicações. Pelo contrário, já que todas as plantas demandam iluminação para realizar seus processos metabólicos. No entanto, cada uma delas exige momentos e quantidades diferentes de luz. Outra variável em



Campos de soja foram os primeiros a receber os testes: colheita 66% maior



Fazenda São Matheus, em Monte Carmelo-MG, recebeu primeiro pivô central com iluminação artificial do mundo

análise é a qualidade das luminárias. Testes de montagem, colorações, disposição e materiais que resistam ao cultivo aberto estão sendo considerados. “Detemos uma tecnologia multidisciplinar, inovadora, que abrirá novos mercados no mundo agrícola”

Inspiração

Os experimentos com a luz de LED começaram quando foi possível perceber que as plantas que ficavam sob postes instalados no meio das lavouras

tinham resultados melhores que as outras. Outra inspiração foram as condições para o cultivo da soja no estado de Roraima, que, cortado pela linha do Equador, recebe luz solar praticamente o ano inteiro. Nesse caso, o plantio é feito quando os outros, com menor incidência de sol, estão no término da safra. A intensidade de luz natural permite, também, que variedades da planta cujo ciclo é de 120 dias sejam colhidas em 100 e com grãos apresentando teores de proteínas e óleos maiores.

CADERNO

CanaMix

NÃO É SÓ BAGAÇO

Patrocinador:



(16) 3605-1979 www.controlrisc.com.br

Material extraído da moagem da cana vai, aos poucos, ganhando novos usos: agora, pesquisas querem transformá-lo em cinzas para complementar a areia na fabricação do concreto



Banco de imagens

Da cana ao concreto

Açúcar, etanol, energia, plástico, cachaça... Dos muitos produtos provenientes da cana-de-açúcar, as cinzas do bagaço para fabricação de concreto na construção civil têm tudo para integrar um novo ciclo verde da planta

Marcela Falsarella

O mar que beira parte das rodovias do Brasil é verde. Verde de cana-de-açúcar. Sabemos que, pela matéria-prima desta planta, podemos obter diversos produtos, o que a torna um exemplo de ciclo bem aproveitado.

De olho na sustentabilidade, a vertente de reaproveitamento do bagaço da cana, desta vez, está ligada à construção civil, setor que ocupa lugar de destaque na economia nacional. O estudo foi apresentado pelo Grupo Ambali – Lagoa do Sino, durante o primeiro Canathon, promovido em ambiente 100% digital pela Fenasucro & Agrocana TRENDS, e traz resultados positivos na transformação do bagaço em cinzas complementares da areia utilizada no concreto da construção civil.

“Após a reutilização, o bagaço tem destinação inadequada, sendo encaminhado para uma etapa de queima, devido ao seu alto teor de carbono para geração de energia, ou descarte no próprio ambiente. Devido a isso, surge uma oportunidade de inovação,” explica Guilherme da Cunha e

Silva, estudante de Engenharia de Alimentos na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e integrante do Grupo Ambali.

Apesar de ainda não existir aplicação de resíduos da cana para a construção civil, algumas pesquisas que dissertam sobre a viabilidade técnica se mostram favoráveis à utilização das cinzas como agregado miúdo em um concreto. “A equipe tem a proposta de não somente comprovar essa viabilidade técnica por meio de alguns testes físicos específicos para cada cinza produzida, como também apresentar um plano de mercado de produtos à base de um concreto alternativo que substitui a areia por cinzas do bagaço da cana-de-açúcar”, explica o estudante. Essa alternativa de atrelar produto do campo às necessidades urbanas reduz impactos ambientais e de extração da areia.

“Participar do nosso primeiro Hackathon, já durante a graduação, nos trouxe grandes aprendizados e experiências que levaremos para a vida toda. Diferentemente da universidade, em que temos semanas e até mesmo meses para desenvolver projetos e prototipar ideias, o Canathon nos

mostrou que é possível fazer tudo isso com qualidade e rapidez”, emenda. Segundo ele, foi um fim de semana totalmente dedicado a desenvolver ideias em busca da resolução de problemas. “As ‘dores’ da indústria nos expuseram, principalmente, a colaborar com a causa, pois, na graduação, temos contato direto com a parte técnica.”

Cunha e Silva ainda considera que a experiência agregou em dois pontos principais: o aprendizado e o networking, sendo que este segundo se iniciou antes mesmo da competição. “Fomos integrando à nossa rede algumas pessoas relacionadas ao evento e ao setor de bioenergia, o que só aumentou no decorrer do evento. A premiação ocasionou um efeito dominó nesse aspecto, pois diversas pessoas ligadas às instituições fornecedoras dos prêmios, como diretores da Fenasucro & Agrocana, professores do curso de pós-graduação da MTA na UFSCar e pessoas da Think Alb Brasil se interessaram em nos contatar para saber mais. Não apenas sobre o projeto, mas sobre nossas histórias e objetivos de vida”

Ele garante haver projetos futuros da equipe em prol de tornar o concreto alternativo uma realidade no setor industrial brasileiro. “Para isso, devemos seguir passos importantes em busca de consolidação, como a lapidação do nosso modelo, polimento das ideias, procura por investidores, até o surgimento de, quem sabe, uma startup, sempre buscando progresso e crescimento. Contamos com uma equipe técnica muito capacitada e focada para atingir essas metas.”

Hackathon da bioenergia - Canathon

O Canathon, o primeiro hackathon exclusivamente voltado à bioenergia, conheceu, no dia 26 de agosto, as três equipes vencedoras, que apresentaram propostas de soluções rápidas em Tecnologia da Informação, envolvendo questões e situações de gestão, produção e novos negócios para os problemas apontados por representantes de empresas

de toda a cadeia de valor deste mercado.

Com mais de 700 profissionais inscritos, entre maratonistas e mentores, de todos os estados brasileiros, inclusive o Distrito Federal, contou com 18 palestras, somando mais de 20 horas de geração de conteúdo e 54 horas de trabalhos. Das 26 equipes multidisciplinares formadas na primeira fase do evento, 18 conseguiram finalizar as cinco etapas – formação das equipes multidisciplinares, imersão (identificação e conhecimento do problema), ideação (geração de ideias), prototipação (transformação de ideias em algo palpável) e solução (entrega da solução final).

Para Paulo Montabone, diretor da Fenasucro & Agrocana, o evento teve um caráter inédito e diferenciado. “Estamos muito orgulhosos e otimistas com as 18 soluções apresentadas. Mais uma vez, a Fenasucro & Agrocana reforça seu propósito de apresentar inovação e ser vitrine para soluções através desse primeiro hackaton voltado à bioenergia, que reforça a competência do mercado brasileiro em exportar soluções nacionais para as usinas e indústrias bioenergéticas pelo mundo todo”. Em 2021, o projeto será remodelado e promete gerar ainda mais inovações.

Os premiados do Canathon 2020 foram:

1º Lugar: AMBALI - Lagoa do Sino – Tema: “Aperfeiçoamento de técnica de imobilização de leveduras e utilização das cinzas do bagaço na construção civil”

Guilherme Silva (Jaú/SP), Eiarley Radicchi (Botucatu/SP), Laís Saldanha (Boituva/SP), Luiz Ramos (Campina do Monte Alegre/SP), Henrique Danno (São Paulo/SP) e Caio Miranda (Jundiaí/SP).



Equipe vencedora do Canathon é formada por seis estudantes da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)



“ Uma maneira simples de vender algo a um cliente no futuro é se apresentar a ele com antecedência.”

Anuncie Aqui!

**PARA MAIS INFORMAÇÕES
ENTRE EM CONTATO:**

plinio@canamix.com.br | 16 98242-1177 | 16 3620.0555



2º Lugar: Termicana – Tema: “Aumentar a eficiência de caldeiras baseado em modelamento e otimização do sistema”

Marcos (Joinville/SC), Elyan (Joinville/SC), Guilherme (Jaraguá do Sul/SC), Fabiano (Curitiba/SC), Claudio (Joinville/SC) e Luiz (Joinville/SC).

Sensores são adicionados para monitorar vazão de alimentação e umidade do combustível, oxigênio da combustão e a vazão de vapor. Os dados coletados da camada de automação, TA, alimentam um algoritmo preditivo baseado em machine learning, que rodará na camada de TI e exibirá insights para a operação, buscando sempre manter a melhor relação Ar x Combustível, garantindo a melhor eficiência da caldeira.

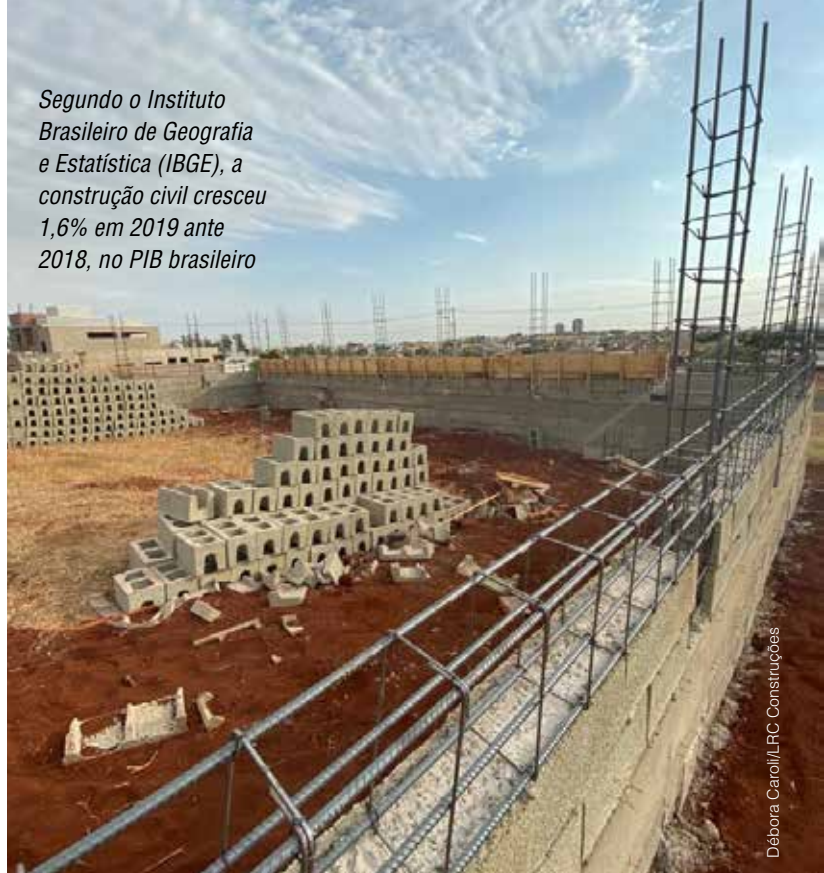
Por meio de dashboard, é possível acompanhar, em tempo real, as informações geradas por dados coletados da automação, além dos resultados do algoritmo treinado, que vão interferir na automação para promover os melhores ajustes no sistema de acordo com o cenário.

3º Lugar: AgTech JBM³ - Tema: “Sistema inteligente para identificação de incêndios em lavouras”

Matheus Aguiar (Itumbiara/GO), Matheus Cabral (Quirinópolis/GO), Matheus Terra (Itumbiara/GO), João Eduardo (Itumbiara/GO) e Beatriz Piumonte (São Paulo/SP).

Uma miniestação dotada de sensores e câmeras se comunica com um sistema de computação em

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a construção civil cresceu 1,6% em 2019 ante 2018, no PIB brasileiro



Débora Caroli/LRC Construções

nuvem dotada de *machine learning* para a análise de dados e previsão da probabilidade de ocorrências de incêndios.

O sistema desenvolvido pela AgTech JBM tem, por intuito, auxiliar na velocidade e rapidez na identificação e, consequentemente, no combate a focos de incêndio em lavouras de cana, devendo cumprir os seguintes objetivos específicos: captação de dados do ambiente, por meio de sensores da miniestação; captura de imagens regularmente, da lavoura; processamento dos dados e imagens pela central em nuvem; identificação de focos de incêndio através das imagens processadas; execução de análise de dados; previsão de probabilidade de incêndio, por meio de técnicas de *machine learning*.

CERIMÔNIA
DE PREMIAÇÃO
canathon
2020



Divulgação/Fenasucro

Anúncio da cerimônia de premiação: ano que vem, evento deverá ser remodelado para favorecer mais inovações

**O JEITO
SEGURO
DE FAZER
SEGURO**

**A Lavoura e a
Indústria não
podem parar!**

**Seguro de
Responsabilidade Civil para
Instalações Industriais
e Máquinas Agrícolas**

**Leitores Terra&Cia têm
descontos especiais!**

Rua Padre Anchieta, 1637
Jd. Antártica
14051-220
Ribeirão Preto SP
(16) 3633 9595
kapseg@terra.com.br

CANAVIAL SEGURO

Seguro de Custeio que protege as lavouras de cana-de-açúcar contra incêndio durante a entressafra.

EMPRESARIAL

Garante os investimentos estruturais da empresa como: imóveis, máquinas, mercadorias, perda no faturamento por sinistros e outros.

TRANSPORTE

Garante o transporte dos produtos e mercadorias, evitando prejuízos por meio de acidentes ou roubos. Um excelente investimento para garantir lucratividade.

FROTA

Garante o patrimônio de pequenas e grandes empresas que dispõem de veículos próprios e personalizados. A cobertura abrange veículos de médio e grande porte.

VIDA E PREVIDÊNCIA

Garante a tranquilidade familiar no que diz respeito ao futuro do cônjuge e filhos, e uma opção importante também ao empresário: o Seguro de Vida em Grupo.

AUTOMÓVEL

Garante cobertura do veículo em caso de acidentes e roubos. Proporciona maior tranquilidade ao proprietário, já que cobre danos à terceiros.



"O jeito seguro de fazer Seguro"

Videokonferências e a reciprocidade do aprendizado

Mário César Souza e Silva

É consenso que o sistema de ensino EAD, para diversos cursos e muitas disciplinas, da educação básica até a capacitação, se torna, cada vez mais, presente e necessário no âmbito educacional nacional, sendo, inclusive, incentivado pelo governo por meio de decretos e portarias (Ministério da Educação e Desporto, 1998).

Porém, este universo promissor que se descortina carrega, ainda, inúmeros problemas. Assim, é preciso entender que o modo de ensino a distância não pode ter como objetivo principal resolver problemas educacionais, mas ser uma nova e potencial opção para alunos que têm limitações de tempo ao longo do dia (CASTRO; GENGHINI, 2019) ou dificuldades de deslocamentos presenciais para centros educacionais em cidades de maior porte.

A questão é que os alunos que optam por essa modalidade, em muitos casos, não estão preparados para um aprendizado a distância, pelo qual podem ter autonomia para gerenciar seu tempo e formas de estudo. Entende-se que, apesar da euforia inicial, eles se sentem perdidos num segundo momento, fato que pode ser comprovado, inclusive, pelos altos índices de desistências dos cursos (GUIA DO ESTUDANTE, 2017). Da mesma forma, percebemos que os professores não estão totalmente adaptados ao conceito EAD, visto que adotam métodos de ensino de um sistema presencial, devido ao pouco tempo para adoção de ferramentas e plataformas disponíveis e, principalmente, pela pouca prática na interação com o aluno que se comunica agora de forma essencialmente virtual.

Enfim, o formato do ensino se mostra promissor e em consonância com nossa realidade digital, mas ainda pouco eficiente em vários aspectos.

Os conceitos da modalidade de ensino EAD

Nestes tempos de isolamento social, que já se estendem por mais de seis meses, as indústrias de etanol, que normalmente se utilizam, de forma tímida, dos cursos

Fotos: Divulgação e Banco de imagens



de capacitação e qualificação, tiveram, agora em 2020, uma procura muito aquém do desejado para reciclagem de seus funcionários e colaboradores.

A nossa experiência e a ideia de oferecer um programa de capacitação em Controle Microbiológico da Fermentação trouxeram, em cinco conferências, um aprendizado que nos surpreendeu, pois, até o momento, nossas capacitações tinham sido presenciais, nas quais é possível abrir uma discussão sobre o aprendizado e, desta forma, verificar como e quanto foi absorvido o conteúdo proposto.

“[...] percebermos que [...] EAD não é uma simples veiculação de informações instrucionais, mas um processo pedagógico humano, uma construção de conhecimento, porque é muito mais do que recepção de informação e aquisição de conhecimento. É construção efetiva, tendo o professor como facilitador de aprendizagem. Percebemos que esse tipo de aprendizagem é centrada no aluno, o qual tem sob sua responsabilidade a estruturação de uma atitude proativa, o que exige não só maturidade, como organização, autonomia e autodisciplina para o processo de construção do conhecimento” (CASTRO; GENGHINI, 2019, p. 22).

Em seu estudo, Castro e Genghini (2019) reiteram

que há algo perceptível em nossa sociedade conectada. Se podemos trabalhar a distância, consumir a distância e até nos relacionarmos com pessoas virtualmente, por que não estudar a distância também?

A tecnologia dá uma mãozinha, ajuda o que antes era demorado e sem interação. Mas o que vivenciamos hoje demorou certo tempo para ser amadurecido e aprimorado. O ensino a distância passou por gerações e, em cada uma delas, novos aperfeiçoamentos foram possíveis e novos recursos foram integrados.

Esta geração da pandemia veio em um crescente ao longo de tantos anos e é caracterizada pelo uso intensivo de ambientes virtuais no ensino. Assim, novos métodos são possíveis, como a capacitação e a qualificação profissional (utilização de jogos com os quais o aluno pode coordenar ações) e salas e laboratórios virtuais cuja premissa principal é o aprendizado com base na interação (GARCIA; GENGHINI, 2019). Em especial, esta última geração resume a necessidade intrínseca de a educação acompanhar

uma sociedade interativa, ágil e conectada. Toda esta evolução também é denominada de Educação 3.0.

Educação 3.0 e a fermentação 4.0

Evoluir o sistema educacional e inovar em métodos de ensino só foi possível com o advento do mundo digital. Margall (2013) detalha a questão em seu estudo e afirma que “[...] a educação 3.0 depende, pesadamente, de sofisticadas infraestruturas e aplicações tecnológicas. É somente num mundo digital, conectado e interativo que a educação 3.0 acontece. Sem a tecnologia, o sonho de dar um tratamento único e sob medida para cada criança, cada aluno, nos faria voltar ao século XVIII, quando havia um tutor para cada aluno” (MARGALL, 2013).

Atualmente, é impensável e improdutivo estudar sem um computador e conexão à internet. Mas, se o novo sistema de ensino se mostra promissor, ainda existem (muitas) dificuldades por parte de quem aprende e de quem ensina.

Nossas videoconferências, por serem online, trouxeram um pú-

blico diversificado, ou seja, não somente da indústria de etanol. Participaram até estrangeiros, pois elas foram simultaneamente traduzidas.

Nossas indústrias de etanol, como sempre, apareceram de forma tímida, apesar de termos montado todo o programa para este público específico. Mas foi muito produtivo. Sentimos a ausência de diretores e gerentes industriais que, com certeza, deveriam ter despendido um tempo ínfimo para escutar as novidades e, de quebra, facilitar que seus colaboradores aprendam e coloquem o conhecimento em práticas nas suas rotinas.

Sem dúvidas, estamos caminhando para uma nova era de treinamentos para o setor de etanol e sonhamos ter, do outro lado da telinha, os “manda-chuvas”, para incorporarem estes aprendizados junto com seus funcionários – que fizeram centenas de perguntas básicas que impactam na produtividade do etanol.

Mário César Souza e Silva é Professor, Biomédico e Microbiologista Especializado em Controle Microbiológico e Desinfecção Industrial, CEO da MC Desinfecção Industrial e Pesquisador FAPESP.



Como reduzir seus custos com CTT em uma usina de cana-de-açúcar através da irrigação por gotejamento?

O CTT (corte, transbordo e transporte) é uma das operações que mais impactam no custo de produção de cana-de-açúcar, representando em média quase 15% desse valor. Para a realização dos cálculos desse custo, vários fatores são levados em consideração, como produtividade, raio médio (distância da área colhida até a usina), entre outros.

Uma das alternativas encontradas para se reduzir o custo de CTT é aumentar a produtividade das áreas

mais próximas à indústria. Pensando nesse conceito, a Usina Coruripe, localizada em Iturama/MG, realizou um estudo em uma de suas fazendas (Fazenda Giselda) a respeito da redução desse custo com o aumento da produtividade através da utilização da irrigação inteligente.

A tabela abaixo representa os componentes do custo do CTT comparando uma área irrigada por gotejamento com média de produtividade de 150 ton/ha, e uma área de produtividade média em sequeiro de 85 ton/ha.

Custo comparativo de CTT entre área irrigada e de sequeiro

CTT	IRRIGADO (R\$/TON)	SEQUEIRO (R\$/TON)
Corte	6,8	12,0
Transbordo	7,2	9,4
Transporte	13,6	13,6
Apoio	4,7	7,2
Total	32,2	42,5

Ao observar os dados, podemos ver que, com o aumento de produtividade provocado pelo gotejamento, há uma drástica redução no custo do corte. Esse fato ocorre porque uma única colhedora leva menos tempo para encher um transbordo, devido ao elevado número de ton/metro de cana de açúcar.

Além disso, os gastos com óleo diesel por tonelada colhida por metro percorrido, horas de máquinas de trabalho por tonelada colhida, tempo do operador e eficiência de colheita também são muito menores.

Vale ressaltar que os custos com o transbordo (passagem da cana do campo para o caminhão) são menores, pois, quanto maior produtividade, menor é a quantidade de óleo diesel gasto por tonelada de cana

por km percorrido. O mesmo se pode dizer do apoio, com menos funcionários e utilização de maquinário.

Para entender esse parâmetro e sua importância para a unidade produtora, podemos exemplificar uma colheita para 100.000 ton de cana. Para colher essa quantidade de matéria-prima, é necessária uma área de aproximadamente 1.176 ha e, devido a maior área, o custo é de R\$ 4.250.000,00 (custo de R\$ 42,5 por tonelada colhida).

Já para se colher essa mesma quantidade de matéria-prima com um aumento de produtividade causado pelo gotejamento, serão necessários apenas 667 ha, sendo um custo de R\$ 3.220.000,00 (custo de R\$ 32,20 por tonelada colhida), ou seja, uma redução de mais de R\$ 1 milhão ou 25%.

Redução do custo de CTT com o uso do gotejamento

Custo de CTT - Sequeiro	Custo de CTT - Irrigado
100.000 ton x R\$ 42,50	100.000 ton x R\$ 32,20
R\$ 4.250.000,00	R\$ 3.220.000,00
R\$ 4.250.000,00 – 3.220.000,00 = R\$ 1.030.000,00	



Daniel Pedrosa é especialista agrônomo da Netafim

SINDI CASTILHO

A genética de **dupla função** que vem conquistando o mercado nacional e internacional.



RURALLY



82 anos de seleção

Venda permanente de matrizes, reprodutores e material genético

Sindicastilho.com.br
+55 (17) 3542-2555 / 3542-3033
Novo Horizonte - SP



SINDI CASTILHO
Fazendas Reunidas Castilho



Fotos: Divulgação/Embrapa

Confinamento de ovinos

Pesquisa da Embrapa Pecuária Sudeste aponta resultados econômicos da criação, para raças puras e cruzadas, e vê vantagens em produtividade e qualidade da carne

Gisele Rosso

Embrapa Pecuária Sudeste

Uma pesquisa da Embrapa Pecuária Sudeste, de São Carlos (SP), avaliou o desempenho econômico em confinamento de cordeiros de raças puras e cruzadas. O trabalho é apresentado na publicação “Resultados econômicos do confinamento de ovinos de diferentes grupos genéticos no estado de São Paulo”, de autoria dos pesquisadores Oscar Tupy e Sérgio Novita Esteves e da zootecnista Gerlane de Brito.

O estudo, que levou em conta o contexto atual de mercado para a carne ovina, fez avaliação de cordeiros confinados durante a fase de terminação das raças pu-

ras White Dorper, Ile de France, Santa Inês e Texel, e do cruzamento destas com a Santa Inês. Os resultados econômicos mais promissores, de acordo com Oscar Tupy, foram com os grupos genéticos Ile de France, White Dorper, Santa Inês e o cruzamento meio sangue Ile x Santa Inês.

O uso do confinamento na ovinocultura, segundo o estudo, contribui para o aumento dos índices de produtividade, melhorando o desempenho dos animais e a qualidade da carne. No entanto, em razão dos custos elevados, é necessário planejamento. Fatores como alimentação e animais de maior potencial genético devem ser levados em consideração no sistema intensivo de produção de cordeiros, para diminuir o tempo de confi-

namento e os custos de produção.

Para o pesquisador Sérgio Esteves, o cruzamento pode ser uma alternativa para o produtor aumentar a lucratividade, pela obtenção de animais que combinem as melhores características de duas ou mais raças. Com esse foco, a Embrapa Pecuária Sudeste desenvolve pesquisas com cruzamento entre raças exóticas de melhor conformação e qualidade de carcaça, e raças criadas e adaptadas ao Brasil, como a Santa Inês.

Experimento

O estudo foi conduzido com cerca de 170 cordeiros machos, não castrados e recém-desmamados. Os animais foram distribuídos em quatro tratamentos, em diferentes idades ao desmame (60 ou 90 dias) e dois pesos finais 32 kg ou 38 kg.

Após o desmame, foram confinados em baias individuais. A formulação da dieta oferecida no confinamento foi de 60% de silagem de milho e 40% de concentrado. Para o acompanhamento e determinação dos pesos finais, os cordeiros foram pesados semanalmente até atingirem o peso pré-estabelecido para cada animal. O tempo de permanência no confinamento (TC) foi calculado somando-se os dias em que cada animal recebeu alimentação no confinamento menos 10 dias de adapta-

ção às baias e à dieta.

Análise econômica

Os melhores resultados do ponto de vista econômico no confinamento foram com as raças Ile de France, White Dorper, Santa Inês e o cruzamento meio sangue Ile x Santa Inês. "Todos apresentaram baixo custo à desmama. O custo do cordeiro à desmama é a variável que mais impacta o resultado econômico do confinamento", avaliou Tupy.

Ele ponderou que se deve levar em conta as condições de clima e manejo às quais foram submetidos todos os grupos genéticos. "Obviamente, este trabalho necessita ser replicado em vários ambientes de produção. Mas, com base neste estudo, que durou um ano, o melhor desempenho econômico ficou com o grupo genético Ile de France, seguido pelo White Dorper".

Em relação aos tratamentos, o trabalho identificou que a melhor idade à desmama foi de 90 dias e peso final de 38 kg (peso vivo). Para o pesquisador Tupy, o acréscimo no custo à desmama aos 90 dias é pequeno em relação ao da desmama aos 60 dias. Além disso, o maior peso à desmama dilui o custo das matrizes aos 60 e 90 dias de desmama.



O estudo foi conduzido com cerca de 170 cordeiros machos, não castrados e recém-desmamados

O moderno Agro brasileiro

Arnaldo Jardim

O Agro foi o único setor com resultado positivo no Produto Interno Bruto (PIB) do segundo trimestre, quando a economia levou o tombo histórico de 9,7% em relação à primeira parte do ano. Enquanto os setores de indústria e de serviços tiveram, respectivamente, quedas de 12,3% e 9,7% no período, a agropecuária saiu ilesa, com alta de 0,4%, puxada, principalmente, pela produção de soja e café.

Pela metodologia de cálculo do IBGE, indústria e serviços representam 95% do PIB nacional, ante 5% da agropecuária. O peso da cadeia inteira na economia, porém, é bem maior do que isso, e pode chegar a 27% do PIB brasileiro neste ano, num cenário otimista para o setor, ante 21,4% em 2019, estima o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea).

A produção brasileira de grãos deverá aumentar 27% na próxima década, a partir de um incremento de 16% da área plantada e de ganhos de produtividade. É o que aponta um estudo do Ministério da Agricultura com projeções para o agronegócio até 2030. O levantamento também prevê aumentos de 16% na produção de carne bovina, de 27% na de carne suína e de 28% na de carne de frango, e avanço das exportações das principais cadeias produtivas do campo.

O relatório ressalta que o ce-

nário para a agropecuária brasileira é positivo, sobretudo depois que, mesmo nesses tempos de pandemia, a safra de grãos e a produção e distribuição das proteínas foram pouco afetadas - embora algumas cadeias, como a de hortifrúteis, tenham sido bastante prejudicadas.

Nada disso é novidade para quem conhece de perto a força do agro que tanto nos orgulha. A novidade é que temos, definitivamente, a chance de mostrar ao mundo que todos estes números são alcançados de forma ambientalmente responsável. O pós-pandemia exige e o Brasil tem todas as condições de ser campeão de produção e preservação ao mesmo tempo.

Já colhemos dados que merecem ser celebrados, como o aumento de 4,9% na cobertura de vegetação nativa no Estado de São Paulo. E não custa reforçar que utilizamos, para sermos este grande destaque mundial de produção agrícola, apenas 9% da área do território nacional.

Eu tenho convicção não só do nosso potencial de produzir, mas tenho absoluta certeza de que produzimos com sustentabilidade. Os fatos devem ser repetidos: temos um grau de reserva de cobertura vegetal nativa inigualável, a matriz energética mais limpa do mundo, uma matriz de combustíveis absolutamente diferenciada. Além de iniciativas como o plantio direto, sendo que temos no Brasil a maior

área do mundo neste sentido, com 32 milhões de hectares somente no cultivo de grãos.

Lembro, ainda, do aumento do uso de fatores biológicos na produção. O Ministério da Agricultura lançou o Programa Nacional de Bioinsumos, que tem, por objetivo, incentivar a pesquisa, a produção e a maior utilização de recursos biológicos, como defensivos, fertilizantes e medicamentos animais no campo brasileiro. Com o programa, o ministério projeta ampliação de 13% na área plantada com a ajuda de insumos biológicos nos próximos anos.

Temos, além disso, a Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF), que já responde hoje por cerca de 15% da área plantada no país e alcança 11,5 milhões de hectares - considerando o aumento de 10 milhões de hectares somente de 2008 a 2018. Além da gestão de resíduos, quer seja com a ação do Campo Limpo, quer seja com a política de descarte dos dejetos que vêm da atividade pecuária.

O Brasil tem uma legislação ambiental que é extensiva e detalhada. Ainda nos falta uma legislação de estímulo e de prestígio às boas práticas. Como relator do Pagamento por Serviços Ambientais (PSA), já aprovado na Câmara e aguardando apreciação do Senado, destaco que é o primeiro mecanismo para induzir comportamentos, premiar boas práticas. Nossa legislação precisa ser complementada neste sentido com

pontos como a taxaço de carbono, por exemplo.

Nós podemos liderar essa nova economia. A economia da bioenergia, da bioeletricidade, dos biocombustíveis, a economia de baixo carbono. Ninguém no mundo tem as condi es que temos aqui no Brasil para fazermos isso de uma forma exemplar.

Definimos no mês passado a taxaço dos CBios, a moeda do RenovaBio, após grande mobiliza o que envolveu entidades do setor de biocombustíveis.   a garantia da implanta o efetiva da nossa política nacional de descarboniza o – em que o agro, como fornecedor de m teria-prima sustentável,   um dos principais atores.

Tenho a satisfa o de, como vice-presidente da Região Sudeste, integrar a dire o da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), que n  s  defende os produtores, mas tem uma visão de país. Defende as reformas estruturais, propõe um avanço no setor de infraestrutura e logística e foi, ao lado do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), protagonista da reformula o de todo o sistema de financia-

mento para o setor, que deve avançar ainda mais.

O agro sempre foi destaque no mundo todo e agora, com o pós-pandemia, pode assumir um papel ainda mais importante. Fornecer alimentos de qualidade, com sustentabilidade, garantindo uma economia mais conectada ao espírito dos novos tempos e com a força de sempre!



Arnaldo Jardim   deputado federal (Cidadania/SP), coordenador da Frente pela Economia Verde e presidente da Frente Parlamentar do Setor Sucrenerg tico.

“ Sucesso   onde o marketing e a oportunidade se encontram.”

Anuncie Aqui!

PARA MAIS INFORMAÇOES ENTRE EM CONTATO:
plinio@canamix.com.br | 16 98242-1177
16 3620.0555

Guia de Compras SA

TERRACIA CanaMix
A Voz do Agronegócio

agrobrasil PARCERIA DE SUCESSO

AGROBRASIL MKT



Campo digital

Cerca de 84% dos agricultores brasileiros utilizam ao menos uma nova tecnologia no processo produtivo e 95% desejam ter ainda mais informações sobre agricultura digital

Heloísa Taveira

Uma pesquisa realizada por meio de parceria entre a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), apontou que 84% dos agricultores do Brasil utilizam pelo menos uma tecnologia digital na produção. Os dados foram obtidos graças à participação de 504 agricultores de todos os estados do país, que responderam a um questionário online entre abril e junho deste ano.

A grande maioria dos agricultores utiliza pelo menos a internet para atividades gerais do campo, como buscar mais conhecimento sobre agricultura, ou aproveitar as redes sociais para divulgar informações relacionadas à propriedade, comprar insumos ou vender a produção. Casos nos quais são utilizados equipamentos mais avançados ou aplicativos para gestão e monitoramento da propriedade são menos apontados pelos agricultores.

O pesquisador da Embrapa e coordenador do estu-

do, Édson Bolfe, afirma que as principais tecnologias digitais para o campo já estão se tornando acessíveis para os diferentes níveis tecnológicos dos produtores rurais. “Eles relatam que ainda possuem dificuldades importantes para implantar ou melhorar seu processo produtivo com a agricultura digital. Os principais desafios estão associados ao valor do investimento para a aquisição de máquinas, equipamentos ou aplicativos, apontados por 67% deles, e os problemas ou falta de conexão em áreas rurais, indicados por 48%.” Edson completa afirmando que seria fundamental o apoio do setor público, cooperativas e associações nas tomadas de decisão dos produtores, com foco na aquisição de tais tecnologias. “No entanto, já existem diversos aplicativos e softwares gratuitos”

Mais informações

Cerca de 95% do total dos agricultores que responderam a pesquisa indicaram ter interesse em receber mais informações e capacitações sobre a agricultura digital e suas aplicações. A maioria dos entrevistados apontou que,

A pesquisa, realizada no primeiro semestre de 2020, foi respondida por produtores rurais, empresas e prestadores de serviço em agricultura digital de 556 diferentes municípios, de todas as regiões do Brasil

Perfil dos 504 agricultores que participaram da pesquisa



Agricultura Digital no Brasil

Tendências, desafios e oportunidades



Como é o acesso dos agricultores às tecnologias digitais

Agricultura Digital no Brasil

Tendências, desafios e oportunidades

Tecnologias digitais mais utilizadas pelos produtores rurais



Principais aplicações das ferramentas digitais



Entre as principais expectativas dos produtores, está o uso de novas tecnologias digitais para...



95% dos produtores rurais têm interesse em mais informações sobre a agricultura digital

Dificuldades apontadas para adoção das tecnologias.

Percepção dos produtores rurais

- 67,1% - O valor do investimento na aquisição de máquinas, equipamentos e aplicativos
- 47,8% - Problemas ou falta de conexão em áreas rurais
- 44% - O valor para a contratação de prestadores de serviços especializados
- 40,9% - A falta de conhecimento sobre quais as tecnologias mais apropriadas

Percepção das empresas e prestadores de serviços

- 61,4% - Problemas ou falta de conectividade para internet nas áreas rurais
- 58,2% - Valor de investimento para aquisição de máquinas, equipamentos e/ou aplicativos pelos agricultores
- 49% - Obtenção de mão-de-obra externa qualificada e especializada
- 47,4% - Acesso dos usuários e capacitação em tecnologias de agricultura digital



além da necessidade cada vez maior do uso das tecnologias para a obtenção de informações para o planejamento e a gestão da propriedade rural, gostaria de ter mais acesso a tecnologias para mapeamento e planejamento do uso da terra na sua propriedade, para a detecção e controle de deficiências nutricionais e para a compra e venda de insumos, produtos e produção.

“Os produtores rurais destacaram na pesquisa que, a partir do uso das tecnologias digitais, tiveram ganhos potenciais, como o aumento da produtividade; maior eficiência da mão de obra; maior qualidade da produção e redução do impacto ambiental”, explica Bolfe. “Outra vantagem percebida foi a otimização no uso de insumos agrícolas e recursos naturais. Já o melhor planejamento das atividades diárias, a redução de custos e aumento do lucro, a compra de insumos e comercialização dos produtos foram benefícios vinculados, especialmente, ao uso de aplicativos e serviços da web”.

João Carvalho é um dos agricultores que acreditam no poder das ferramentas digitais no campo. Trabalha com o cultivo de café há 12 anos em uma propriedade na região de Franca, interior de São Paulo, e acompanha o avanço do mercado conforme as condições financeiras. “Divulgamos o nosso café através das redes sociais e essa é uma forma de chegar diretamente ao consumidor. O retorno que temos fazendo esse contato com clientes e fornecedores facilita muito”.

Não só as redes sociais. Carvalho também utiliza aplicativos para gestão da propriedade e da produção, apontados por 23% dos agricultores. “Com os programas, consigo ter controle de toda a área e planejar melhor as atividades. Tem vários outros benefícios que me possibilitam saber as condições climáticas e detectar pragas”.



Arduino é resultado de condições climáticas muito favoráveis: graduação maior que 14 não é muito comum no Brasil

Vinho nobre

Estado de São Paulo tem o seu primeiro vinho com teor alcoólico acima de 14º: o Arduino, da vinícola Marchese di Ivrea, em Ituverava

Com informações da assessoria de imprensa

É da Vinícola Marchese di Ivrea, em Ituverava-SP, o primeiro vinho nobre produzido no Estado de São Paulo. Proveniente da safra 2019, considerada a melhor pela vinícola até agora, o Arduíno atingiu graduação alcoólica de 15°, o que não é muito comum no Brasil – onde os vinhos nobres começaram a chegar ao mercado a partir de 2018, favorecidos por excelentes safras.

“Não é sempre que acontece no Brasil, ainda mais no Estado de São Paulo, em que, de forma natural, a fermentação resulta em vinhos com 14° ou mais”, afirma Beto Lorenzato, proprietário da Marchese.

Ele explica que, em 2019, durante a fase de maturação das uvas, os dias foram quentes e as noites, frescas, o que permite maior concentração de açúcar nas uvas e ressalta cor e aroma. O resultado são bebidas com teor alcoólico mais acentuado.

Foi a Instrução Normativa nº 14, de 8 de fevereiro de 2018, que criou o vinho nobre, fermentado de uva *Vitis vinifera* com teor alcóolico entre 14,1° e 16° em volume. Antes dessa data, um vinho fino não poderia ter mais do que 14°. Quando isso acontecia, era rotulado como licoroso.

A vinícola

A Marchese é pioneira na produção de uvas na região de Ribeirão Preto. Estudioso do mercado, Beto Lorenzato a montou em 2006, após observar, numa noite de festa junina em homenagem a Santo Antônio, que a temperatura era de 4°C. Na manhã seguinte, subiu 27°C.

Ele sabia que essa amplitude térmica, semelhante à da Toscana, na Itália, era favorável à implantação de videiras. Resolveu, então, substituir o haras que funcionava na propriedade por uma vinícola.

A Marchese tem doze hectares destinados ao cultivo, que recebem, exclusivamente, variedades italianas de uva, usadas na produção de 50 mil garrafas anuais, com perspectiva de chegar a 200 mil.



O maior significado do tempo é a

vida

O tempo pode ter inúmeros significados; ele pode ser passado, presente, futuro; pode ser segundos, minutos, horas; pode ser dias, meses, anos.

Ele pode ser tudo isso; mas para a Medicar Emergências Médicas, o maior significado do tempo é a vida.

Seja onde for, quando for, a Medicar estará pronta para ir até você.

Medicar 25 anos salvando vidas.



Ter Medicar custa pouco, não ter pode custar uma vida.

medicar
emergências médicas

Área de grãos na safra 2020/21 pode encostar em 701 milhões de hectares

Marcos Fava Neves

Nosso resumo mensal traz os eventos principais de agosto e o que observar em setembro. Na economia brasileira, as projeções do mercado melhoram timidamente a cada semana, trazendo maior alento. O relatório Focus (Bacen 28 de agosto) mostra expectativas para o IPCA de 2020 em 1,77% e de 2021 em 3%. O PIB deve fechar este ano em -5,28% e +3,50% em 2021. Já para taxa Selic, se esperam 2,00% e 2,88%, respectivamente, e, no câmbio, R\$ 5,25 no final de 2020 e 5,00 no final 2021.

No mais, os radares começam a se voltar para as eleições nos EUA, que mostram favoritismo do candidato Democrata Joe Biden, mas, em se tratando de 2020, tudo pode mudar, até porque a distância entre os dois vem caindo. No Brasil, também a situação política oscila com as contínuas especulações da permanência do Ministro Paulo Guedes e os anúncios de programas na área econômica. No lado da pandemia, os números no Brasil começam a ceder, apesar de ainda extremamente altos. No fechamento desta coluna, foi anunciada a continuidade do apoio mensal, mas agora em R\$ 300 por mais 4 meses, e a Bolsa operava acima de 100.000 pontos com o Real se valorizando a 1 US\$ a R\$ 5,35.

A safra 2019/20 de grãos caminha para seu fechamento com novo recorde na produção, de 253,7 milhões de toneladas, incremento de 4,8% frente ao ciclo passado, de acordo com 11º levantamento da Conab. As culturas de primeira safra já foram totalmente colhidas. As de segunda estão em fase de conclusão, restando ainda as de inverno e terceira safra. Para soja e milho, houve produção recorde: a oleaginosa com 120,9 milhões de toneladas (+5,1%), e o grão amiláceo com 102,1 milhões de toneladas (+2,1%). Para o algodão, são estimadas 2,93 milhões de toneladas de pluma (+5,4%),

com previsão de finalização da colheita em setembro. A maioria das culturas de inverno já foi semeada, crescendo 12,1% em área. O grande destaque vai para o trigo, que aumentou 14,1% sua área e deve produzir 6,8 milhões de toneladas. Resta ver os efeitos da geada que atingiu o Rio Grande do Sul no final de agosto.

A grande aposta agora é quanto será plantado nesta safra que começa. A Conab estima que a produção brasileira saltará de 254 para 278 milhões de toneladas (8% a mais) e a área deve aumentar entre 2 e 2,5 milhões de hectares. Esse volume representa a produção de 15 grãos, sendo que milho, soja, algodão, arroz e feijão participam com 95% do total. No caso da soja, a área aumenta de 36,84 para 37,85 milhões de hectares, a produção salta de 124 para 133,50 milhões de toneladas, com uma produtividade 4,4% maior (3.530 t/ha), e as exportações de 82 para 86,8 milhões de toneladas. Seu uso para biodiesel aumenta de 44,6 para 47,3 milhões de toneladas e a China deve importar 100 milhões de toneladas, a grande maioria vinda do Brasil. No caso do milho, a área aumenta 7,2% para 19,8 milhões de hectares, a produção salta 12,3% para 113 milhões de toneladas (apesar da produtividade 1% menor), a exportação vai a 39 milhões de toneladas (7% maior), e a demanda interna fica em 72 milhões de hectares. São números que impressionam. Torcer para que se realizem.

No comparativo entre as safras 2018/2019, a área cultivada no Brasil (respeitando-se a dupla contagem das segundas e terceiras safras) foi de 65,9 milhões de hectares, um crescimento impressionante de 2,64 milhões. Vendo a euforia que os preços atuais tem trazido, principalmente a soja e o milho, neste momento de preparo de solos e tomadas de decisões de plantio, com vendas antecipadas de parte das safras futuras e ainda avanço dos grãos na área de cana e pastagens, é possível que cheguemos bem perto dos 70 milhões de hectares, um

aumento impressionante.

As exportações do agro chegaram à incrível marca de US\$ 10 bilhões em julho, um crescimento de 11,7% em relação ao mesmo mês de 2019, representando 51,2% de toda exportação do país, de acordo com dados do MAPA. A soja em grão segue sendo a locomotiva da nação, exportando 10,4 milhões de toneladas (+39,4%) e US\$ 3,61 bilhões (+39%). Somente a China comprou 76% desse volume. As carnes ocuparam a segunda posição em vendas, com US\$ 1,5 bilhão, destaque para bovina com US\$ 776 milhões (+23%), enquanto que a carne de frango caiu 27,2%, chegando a US\$ 490 milhões. Também houve queda nas vendas externas de produtos florestais (-10,5%), totalizando US\$ 925 milhões; e dos cereais, farinhas e preparações também (-26,4%), chegando a US\$ 1,07 bilhão. No tocante às importações, estas totalizaram US\$ 982 milhões (queda de 16,3%), consolidando o saldo da balança do mês em US\$ 9,03 bilhões (+15,9%). No acumulado desde o início do ano, o setor já exportou US\$ 61,19 bilhões, 9,2% a mais que

em 2019, evidenciado valor recorde na série histórica que começou 1997. Com as importações acumuladas em US\$ 7,22 bilhões, o saldo da balança do agro é de US\$ 53,97 bilhões.

Nestes números, a China segue preponderante. As exportações de soja e carnes para lá somaram US\$ 24 bilhões entre janeiro e julho de 2020, 29% a mais que a o mesmo período do ano passado, chegando a 39,2% do total exportado pelo Brasil. Somente neste julho, a China importou cerca de 7,9 milhões de toneladas de soja, segundo o MAPA, com negócios em torno de US\$ 2,75 bilhões. Nas carnes, o país asiático comprou cerca de US\$ 375,50 milhões, aumento de 143,3% em comparação ao mesmo mês de 2019. No total, a China representou 38,4% de participação nas exportações de agroprodutos brasileiros, frente aos 32% do mês anterior.

O MAPA elevou as estimativas para o valor bruto da produção (VBP) agropecuária no Brasil em 3,5% na comparação com o previsto em julho. O valor deve ser de R\$ 742,4 bilhões (10,1% maior que em 2019), sendo que

SEU FUTURO IMPRESSO

herograf

- folders e folhetos
- banners e faixas
- envelopes
- impressão digital
- cartaz
- adesivos
- calendários
- livretos
- pastas
- faça seu pedido

Despachamos para todo Brasil.

(16) 3630.0050

contato@herograf.com.br www.herograf.com.br

Rua Padre Anchieta, 1030 - Vila Tibério - Ribeirão Preto - SP

GIRO PELO AGRO

soja deve responder por R\$ 181,5 bilhões (24%) e as cinco cadeias da pecuária por R\$ 248,5 bilhões (33%). Já a CNA aponta crescimento de 12,5% no VBP da agropecuária, que deve alcançar R\$ 770,3 bilhões em 2020. Na produção agrícola, a confederação estima um aumento de 17,1% em comparação a 2019, com R\$ 493 bilhões, e na pecuária de 5,2%, que deve fechar em torno de R\$ 277,3 bilhões. São quase R\$ 85 bilhões a mais que a safra passada.

De acordo com ABPA, a produção brasileira de carne de frango deve alcançar 13,7 milhões de toneladas (+4%), com expectativa de exportação de 4,45 milhões em 2020. Já para carne de porco, a associação estima produção de 4,25 milhões (+6,5%) e exportações chegando a 1 milhão.

Após o comunicado de contaminações por Covid-19 em embalagens de asas de frango brasileiro, pela China, o Ministério da Agricultura negocia um novo protocolo de regras com o país asiático, a fim de evitar quebras nas relações comerciais e novos episódios como esse. Mesmo sem evidências claras sobre a contaminação, o governo chinês já havia suspenso as importações de 6 frigoríficos do Brasil e foi seguido pelas Filipinas. Precisamos aprender com este evento, visando neutralizar futuros problemas.

De acordo com a CNA, as propostas em debate no Congresso Nacional podem aumentar a carga de tributos no agronegócio e prejudicar a competitividade do Brasil. A PEC 45/2019, por exemplo, pode exigir a cobrança de impostos aos insumos

agrícolas, atualmente isentos. Caso aprovado, o projeto elevaria os custos de produção em até 20%. Dados do Imea apontam que, se aprovada, a PEC 45/2019 poderia causar um aumento de R\$ 6,3 bilhões em custos anuais na produção agrícola do Mato Grosso. Isso significaria um aumento de 15% nos custos de produção da pecuária, 11% para a soja e 10% para o milho. A proposta sugere uma alíquota de 25% como Imposto sobre Bens e Serviços (IBS) para o setor no estado. Há problemas também na atual reforma que podem tornar muito difícil o processamento de oleaginosas no Brasil. Ponto de imensa atenção. Creio ser difícil onerar a agricultura para nossa missão de seguir conquistando mercados internacionais.

Segundo a ANDA (Associação Nacional para Difusão de Adubos), o volume total de fertilizantes vendidos em 2020 deverá crescer 2%, chegando a 37 milhões de toneladas. Desse total, cerca de 27,8 milhões (75%) já foram negociados, volume 10% superior aos 25,2 milhões registrados em agosto passado. Em 2019, o Centro-Oeste consumiu 36,5% do total de fertilizantes, o Sul do país 26%, o MATOPIBA 12,8% e a região Sudeste 22%, de acordo com a associação. Dados da StoneX apontam que o volume de fertilizantes comercializados no Brasil em 2020 chegou a 77% do total projetado para o ano. O destaque fica com as regiões Sul e Centro-Oeste, com alcance de 80% do volume total projetado, e o MATOPIBA, com 74%. A consultoria também aponta que 31% do volume estipulado para os primeiros 6 meses de 2021 já foram

comercializados.

Um estudo feito pela WRI (World Resources Institute) mostrou o imenso potencial do Brasil para pauta de economia verde. A organização aponta que o PIB brasileiro pode crescer em até 15% na próxima década em função da priorização de tecnologias de baixo carbono. Em termos reais, esse aumento traria um acréscimo de 2,8 trilhões de reais para a economia brasileira, e poderia gerar mais de 2 milhões de empregos. Temas como produção sustentável, agricultura de baixo carbono (ABC) e créditos de descarbonização devem ganhar cada vez mais espaço no mercado. Segundo o MAPA, o potencial de investimentos em agricultura sustentável pode chegar a US\$ 692 bilhões até 2030. A construção pelas organizações e pelo setor de uma “agenda verde” é prioridade absoluta daqui pra frente.

Grandes organizações do agro vêm dando passos no combate ao desmatamento ilegal. Cargill e Marfrig se comprometeram a monitorar suas cadeias de suprimentos, até 2030, vetando fornecedores que apresentem inconformidades ambientais. A medida é importante para garantir a origem sustentável da produção, corroborando com a imagem ambiental do Brasil e, dando certo, pode servir de benchmark para outras empresas.

A pandemia da Covid-19 intensificou a corrida por novos fornecedores internacionais de alimentos, favorecendo a abertura de novos mercados ao Brasil. De acordo com o MAPA, apenas neste ano, 50 novas iniciativas foram evidenciadas, contra 35 do ano passado. Em julho,

o Egito liberou a entrada das carnes de aves, Mianmar a carne de porco e seus derivados, além de aberturas em Cingapura, Vietnã, México, Coreia do Sul, Irã e Peru. É muito importante esta expansão e diversificação de mercados.

Os cinco fatos do agro para acompanhar agora diariamente em setembro são:

- 1) As expectativas de plantio e as previsões do clima para a safra 2020/21 de grãos no Brasil;
- 2) O comportamento do clima na safra dos EUA que vem até o momento sem problemas, bem como as relações China e EUA e importações chinesas;
- 3) Retomada e programas de apoio dos governos nas economias mundiais e do Brasil, com a redução das infecções e outros números da pandemia;
- 4) Os resultados das ações do governo na questão do desmatamento ilegal e impactos nas pressões contra o Brasil;
- 5) Necessidades e volumes de importações de grãos pelo Brasil para cobrir a lacuna de estoques baixos e necessidades do setor de carnes e ovos.

Acompanhe na página DoutorAgro.com, no canal do YouTube (com meu nome) e no MarketClub Credicitrus, a quem agradeço ao apoio, os vídeos de agro que coloco semanalmente e no LinkedIn as notícias diárias. Este texto contou com o apoio do Vitor Nardini Marques e Vinicius Cambaúva.



Marcos Fava Neves é professor titular (em tempo parcial) das Faculdades de Administração da USP em Ribeirão Preto e da EAESP/FGV em São Paulo, e especialista em planejamento estratégico do agronegócio. Confira textos, vídeos e outros materiais no site doutoragro.com



leia mais

Marketing de conteúdo é um COMPROMISSO, não uma campanha.



agrobrazil
PARCERIA DE SUCESSO

PARA MAIS INFORMAÇÕES

ENTRE EM CONTATO:

**plinio@canamix.com.br
16 98242-1177 | 16 3620.0555**

Brasil produz alimentos para o mundo com segurança

José Otávio Menten

Muitos questionam se é possível o Brasil produzir alimentos para todo o país e ainda exportar para mais de 1,2 bilhão de habitantes em todo o mundo. E com sustentabilidade. E a resposta é sim.

Não precisamos aumentar nossa área cultivada para produzir mais. Hoje, aumentamos nossa produção, principalmente, graças ao aumento da produtividade, isto é, com a incorporação de novas tecnologias para os agricultores, geradas pela pesquisa.

Se tivéssemos que entregar a quantidade de grãos que produzimos hoje tendo a mesma produtividade de 40 anos atrás, seria preciso ter duas vezes mais a atual área cultivada, o que significaria a destruição de florestas para que se pudesse ter a área expandida.

Entre os diversos fatores que influenciam na produtividade, um deles são as pragas, que são todos os seres vivos nocivos à produção: insetos, ácaros, fungos, bactérias, nematoides e plantas daninhas. Estas pragas, apesar de todas as técnicas que usamos hoje, causam cerca de 40% de danos na produção, ou seja, uma variedade que tem potencial de produzir dez toneladas por hectare consegue produzir apenas seis.

Por isso, deve-se fazer o manejo adequado de pragas, que é o uso de todos os métodos e processos disponíveis, de forma integrada. Temos que evitar a introdução de pragas que não existem no país, utilizar materiais de propagação saudáveis, cultivares re-

sistentes e práticas de cultivo adequados; porém, quando esses métodos preventivos não têm sucesso, há a necessidade de se utilizar pesticidas, tanto químicos quanto biológicos. Por meio deles, conseguimos controlar as pragas e manter suas populações baixas. Se não os utilizarmos no Brasil, a estimativa é que haja uma perda de 50% na produção.

Precisamos garantir que produtores utilizarão os pesticidas com segurança; que sejam produtos bons e eficientes para controlar pragas, mas que também atendam exigências ambientais e toxicológicas.

Por isso, existe aqui um processo de registro: só são utilizados produtos registrados após passarem por uma rigorosa avaliação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), considerando aspectos agrônômicos; do IBAMA, considerando aspectos ambientais; e da ANVISA, para aspectos toxicológicos.

Para se chegar nessa situação, é necessário grande investimento. Um novo produto só chega ao mercado depois de dez anos de trabalho envolvendo pesquisadores e cientistas de diversas áreas, com um custo aproximado de 250 milhões de dólares.

Uma vez aprovados, os produtos devem ser utilizados adequadamente. Sempre seguindo boas práticas agrícolas, com receita agrônoma, respeitando itens como dose e período de carência. Isso garante a produção de alimentos de qualidade.

O Brasil é um país que produz em quantidade e em qualidade. Produzimos alimentos saudáveis e a um

preço menor que no passado para a população brasileira, que hoje possui uma qualidade de vida melhor, como para a exportação para mais de 150 países. Estamos entre os maiores produtores e exportadores de soja, milho, açúcar, café, suco de laranja, carnes (bovina, frango, suína), mas também exportamos frutas e hortaliças.

Nossos compradores externos, por meio de um sistema de monitoramento, referendam a qualidade dos nossos produtos. Nossos alimentos estão dentro dos padrões internacionais. Somos o terceiro maior exportador de produtos agrícolas do mundo, só superados por Estados Unidos e União Europeia.

Quando seguidas as recomendações de técnicos, os pesticidas garantem produtos de qualidade e uma agricultura sustentável, suficiente para continuar colocando o Brasil como o maior celeiro do mundo e o país que irá atender a demanda de alimentos em todo o planeta.



José Otávio Menten é presidente do Conselho Científico Agro Sustentável (CCAS), engenheiro agrônomo e professor Sênior da ESALQ/USP



Mais que criar websites, nossa vocação é resultado.

Extrapolamos o básico quando o assunto é internet e vamos além da criação de ótimos websites e lojas virtuais. Alavancamos seus números utilizando as ferramentas adequadas para o perfil do seu negócio. Liga pra gente, vamos tomar um café e falar de resultado.



Sertãozinho
(16) 3947-1343
Centro
Rua Barão do Rio Branco, 655



Ribeirão Preto
(16) 3234-9343
Edifício Office Tower
Ribeirão Shopping - Sala 2109

www.rgbcomunicacao.com.br



JET TRATORES

PEÇAS E SERVIÇOS

DISTRIBUIDOR:
LONKING



TRABALHAMOS COM A LINHA DE PEÇAS:

CASE
CONSTRUCTION

DOOSAN

MICHIGAN

FIAT - ALLIS

NEW HOLLAND
AGRICULTURE

CATERPILLAR

HYUNDAI

JET Comércio de Peças p/ Tratores Ltda.

CASE - POCLAIN - MICHIGAN - FIAT - YALE - CATERPILLAR - CLARK - HUBBER

(16) **3628 1402 | 99173.7033**

Av: Brasil, 3006 – Vila Elisa | Ribeirão Preto / SP